



GT-5 – Política e Economia da Informação

ISSN 2177-3688

DINÂMICAS DA DESINFORMAÇÃO: INVESTIGANDO OS DIFERENTES NÍVEIS DO FENÔMENO

DYNAMICS OF DISINFORMATION: INVESTIGATING THE DIFFERENT LEVELS OF THE PHENOMENON

Carlos Alberto Ávila Araújo - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Lorena Tavares de Paula - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Rodrigo Moreno Marques - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Claudio Paixão Anastácio de Paula - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Ana Paula Meneses Alves - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O objetivo deste texto é apresentar o projeto de pesquisa “Dinâmicas da desinformação”, que vem se desenvolvendo desde o ano passado por meio de pesquisas e, também, de ações de ensino, extensão e parcerias institucionais. Constituem o projeto as seguintes ações: Fontes de informação no contexto da pós-modernidade: observatório fake news, Desinformação nas plataformas digitais: diagnóstico e enfrentamento do fenômeno, Ecologia da desinformação, Práticas informacionais num cenário de infodemia e Educação em informação e competência em informação: caminhos para combate à desinformação. Elas se dedicam a diferentes dimensões e manifestações do fenômeno da desinformação, em busca de uma complementaridade que resulte numa compreensão da complexidade do fenômeno em suas dimensões funcionais e de contradição (segundo o debate, nas ciências sociais, entre as perspectivas da ordem e do conflito) e estruturais e socialmente construídas (de acordo com o debate, também presente nas ciências sociais, entre a perspectiva da estrutura e a perspectiva do ator). Consequentemente, essa complexidade também precisa ser considerada na elaboração de ações que busquem combater os efeitos nocivos da desinformação para a ciência, a democracia e a sociedade como um todo.

Palavras-chave: desinformação; fake news; infodemia; plataformas digitais.

Abstract: The objective of this text is to present the research project “Dynamics of disinformation”, which has been developing since last year through research and through teaching, extension and institutional partnerships. The project comprises the following actions: Sources of information in the context of postmodernity: fake news observatory, Disinformation on digital platforms: diagnosing and coping with the phenomenon, Ecology of disinformation, Informational practices in an infodemic scenario, and Information education and information literacy: ways to combat disinformation. They are dedicated to different dimensions and manifestations of the phenomenon of disinformation, in search of a complementarity that results in an understanding of the complexity of the phenomenon in its functional and contradiction dimensions (according to the debate, in the social sciences, between the perspectives of order and conflict) and structural and socially constructed (according to the debate, also present in the social sciences, between the perspective of the structure and the perspective of the actor). Consequently, this complexity also needs to be considered in the elaboration of actions that seek to combat the harmful effects of disinformation for science, democracy and society as a whole.

Keywords: disinformation; fake news; infodemic; digital platforms.

1 INTRODUÇÃO

“Dinâmicas da desinformação” é um amplo projeto que busca articular diferentes ações que vêm sendo realizadas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) e na Escola de Ciência da Informação (ECI) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Sua origem se deu com a adesão da UFMG ao Programa de Combate à Desinformação do Supremo Tribunal Federal (STF) em setembro de 2022, quando foi criado o Programa UFMG de Formação Cidadã em Defesa da Democracia, voltado justamente para a compreensão do atual cenário infodêmico, suas consequências principalmente relacionadas com o negacionismo científico, e seus riscos para o exercício e a consolidação da democracia.

Naquele momento, houve uma chamada geral dentro da UFMG, convocando as diferentes ações de ensino, pesquisa e extensão da universidade a fazerem parte do novo programa. No âmbito da ECI e do PPGCI/UFMG, cinco iniciativas que até então ocorriam de maneira isolada optaram por se juntar em torno de um projeto maior, o Dinâmicas da Desinformação, de forma a somar os esforços e buscar um objetivo comum. O projeto foi formalmente apresentado, no âmbito da UFMG, na 1ª Jornada UFMG de formação cidadã em defesa da democracia, quando então foram estabelecidos diálogos com projetos e iniciativas em diversas outras áreas de conhecimento, tais como direito, comunicação social, ciência política, ciência da computação e ciências da saúde. O projeto Dinâmicas da desinformação também participou, em dezembro de 2022, da criação da Recides, a Rede de Estudos da Ciência da Informação em Desinformação, uma iniciativa de pesquisadores do campo da Ciência da Informação de diferentes instituições de pesquisa do Brasil.

Neste texto, o objetivo é apresentar as cinco ações que vêm se desenvolvendo no âmbito do projeto, com alguns de seus resultados até o momento. Essas ações se dedicam ao estudo e pesquisa de diferentes dimensões ou níveis dos problemas relacionados com a desinformação, de forma que possuem resultados que são complementares e permitem evidenciar a complexidade do fenômeno, com impactos diretos sobre as iniciativas que buscam construir soluções para os seus efeitos negativos na ciência, na democracia e na sociedade como um todo.

Entre essas ações estão os cinco projetos de pesquisa, mas, também, projetos de ensino, de orientação de mestrado e doutorado, ações conjuntas com outras universidades, associações e entidades e mesmo a articulação em redes nacionais de estudo sobre desinformação, como a Recides. Em comum, as cinco ações se centram no estudo de uma perspectiva propriamente informacional dos fenômenos relacionados com a desinformação (ainda que buscando contribuições em outras áreas científicas), no esforço de identificar suas diferentes dimensões, aspectos e níveis.

2 CINCO PROJETOS DE PESQUISA SOBRE DESINFORMAÇÃO

O primeiro projeto se chama “Fontes de informação no contexto da pós-modernidade: observatório fake news”. Ele parte da constatação de que, na internet, a compreensão sobre o que é uma fonte de informação e como reconhecer sua legitimidade possui contornos distintos, que tem no usuário o elo fundamental de atribuição de valor e relevância para os conteúdos disponibilizados online. Os elementos basais que normalmente garantem a confiabilidade das fontes, como: autoria, referências das abordagens teóricas apresentadas e arquitetura editorial (fontes das imagens, identificadores editoriais como data, instituição que oferece credibilidade ao autor, etc.) não são consideradas para o uso e distribuição de Recursos digitais “informativos” e esse comportamento de uso, produção e disseminação de informação contribui para ampliação e até mesmo legitimação de conteúdos desinformativos (fake news).

Neste sentido, o “Observatório Fake News” evidenciou cinco categorias recorrentes de fake news a considerar: ciência e tecnologia, religião, saúde, propaganda e entretenimento. Nestas categorias há características comuns como a possibilidade de serem disseminadas de conteúdos por diferentes dispositivos, desde redes sociais, até aplicativos de compartilhamento de mensagens. Também há nas informações difundidas um forte teor apelativo, que objetivam o convencimento do leitor, os quais podem ser definidos no gênero Hoax.

Alguns resultados já percebidos nas dinâmicas de desinformação analisada no Observatório Fake News, configuram-se nas dimensões: informacional, cultural e tecnológica, que impactam diretamente a identificação, disseminação e recepção de informações. Por exemplo, uma fake news da saúde tem na dimensão cultural seu maior apelo para sua caracterização de verdade. Ela é considerada verdadeira devido ao cenário comunitário de compartilhamento. A pessoa que compartilha a informação falsa, neste cenário, a faz com a convicção de verdade.

A categoria política é impactada na dimensão tecnológica, que pode ser considerada crucial. A intencionalidade tecnológica divide os espaços da internet em grupos de interesse comum, com poucas possibilidades de acesso a conteúdos e sujeitos distintos das suas manifestações de interesse. A bolha informacional é um filtro algorítmico que oferece o “conforto” de acesso a pessoas e informações que correspondam aos anseios de alívio sócio comunicacional.

A dimensão informacional, por tratar da formatação e estruturação de conteúdos, pode ser reconhecível em qualquer tipologia de fake news. Mas a ausência de mecanismos de identificação de qualidade de informação (da autoria a responsabilidades institucional) deve ser tratada como indicador de baixa qualidade da informação e de questionamento da veracidade do conteúdo.

Essas são percepções a partir da análise de fake news e de padrões nas checagens de notícias falsas em espaços da imprensa brasileira, como site LUPA e da imprensa internacional como o FACT CHECK. O Observatório também possui um “manual” e alguns elementos didáticos que ajudam na detecção de fake news e apoiam ações de extensão em espaços comunitários, como escolas, com propostas formativas em letramento digital informacional em prol da consolidação de uma cultura informacional nas mídias digitais.

O segundo projeto se chama “Desinformação nas plataformas digitais: diagnóstico e enfrentamento do fenômeno”. Seu objetivo é analisar os possíveis alcances e as limitações de algumas proposições que têm sido apresentadas para combater o fenômeno da desinformação como por exemplo, na esfera da educação, a promoção da competência crítica em informação e, na esfera legal, a regulamentação das plataformas digitais (redes sociais on-line e aplicativos para troca de mensagens).

O projeto parte de um importante pressuposto. Inspirados por Silvio Almeida (2021), podemos afirmar que o fenômeno da desinformação não está apenas no plano individual, mas está também nas esferas institucionais e estruturais. O fenômeno da desinformação tem um caráter institucional pois é resultado do funcionamento das instituições. No caso das instituições privadas detentoras dos meios de comunicação de massa e das plataformas digitais, por exemplo, percebe-se que elas reproduzem um modelo de negócios que contribui fortemente para manutenção do cenário de pós-verdade em que vivemos. Desinformações alimentam uma lucrativa indústria que disputa a atenção. Como é notório desde os tabloides sensacionalistas do século XIX, para atrair audiência, diversas iscas podem ser empregadas como, por exemplo, fofocas, escândalos, violência, notícias estapafúrdias e mentiras. Algumas empresas de rádio e TV, infelizmente, sempre lucraram com esse tipo de conteúdo. Mas, como as instituições representam a materialização de uma estrutura social ou de um tipo de sociabilidade vigente, o fenômeno da desinformação também é, além de individual e institucional, um problema de ordem estrutural. A desinformação não é apenas algo que nasce nas instituições, mas é sobretudo algo reproduzido por elas. A desinformação decorre da própria estrutura social em que vivemos, incluindo as relações políticas, econômicas, jurídicas e familiares.

A pesquisa tem revelado uma necessidade premente de que as diferentes manifestações da desinformação sejam reconhecidas em suas particularidades, não obstante o senso comum e os meios de comunicação de massa rotulem todas elas genericamente como desinformação ou fake news. Reconhecer os distintos tipos de desinformação e suas especificidades é condição fundamental para adequada proposição de medidas mitigadoras para cada deles.

Wardle e Derakhshan (2017) distinguem a informação falsa propositalmente criada com a intenção de prejudicar algo, alguém ou algum grupo (disinformation) da informação falsa criada sem a intenção de prejudicar (misinformation). Assim, na esfera legal, é necessário criar mecanismos para reconhecer e aplicar tratamento distinto ao ato culposos e ao ato doloso. Mas essa distinção também é necessária para que sejam concebidas medidas educativas diferenciadas para cada uma dessas duas situações, medidas essas que só terão alguma chance de efetividade se incorporadas, como política pública, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

No entanto, as definições dos referidos autores incorrem em grave lacuna. É preciso enfrentar não apenas ações desinformativas voltadas para causar prejuízos a outrem, mas também as desinformações que têm outros motivos como, por exemplo, auferir lucros por meio de monetização nas plataformas digitais, beneficiar políticos ou candidaturas políticas, fomentar discursos de ódio, criar vantagem na esfera das relações econômicas, dentre outros.

Nesse complexo e diversificado contexto, a regulação democrática das plataformas digitais é medida urgente. No entanto, ela não deve ser feita de forma açodada, sob pena de criarmos externalidades negativas como, por exemplo, tornar as plataformas digitais agentes privados promotores de algum tipo de censura, seja ela executada por algoritmos ou por seres humanos, fora do alcance do escrutínio público. Merece destaque o fato de que os algoritmos das plataformas digitais têm sido tratados como segredo industrial pelas empresas que os empregam e, assim, o poder público está atualmente refém do que podemos chamar de assimetria de informação algorítmica, que precisa ser superada como condição para o efetivo enfrentamento do fenômeno da desinformação.

Por limitações de espaço, não podemos aqui detalhar os aspectos aí envolvidos, mas apontamentos fundamentais para concepção de uma adequada regulação das plataformas digitais foram apresentados pelas instituições que participaram do I Workshop da área de Comunicação e Informação sobre Regulação de Plataformas Digitais¹ e também pela Coalização Direitos na Redes².

¹ Disponível em: <https://compos.org.br/2023/06/documento-final-do-i-workshop-da-area-de-comunicacao-e-informacao-sobre-regulacao-de-plataformas-digitais-defende-que-regular-e-garantir-direitos-e-democracia>. Acesso em 10 jul. 2023.

² Disponível em: <https://direitosnarede.org.br/2023/04/20/carta-aberta-regulacao-democratica-das-plataformas-com-urgencia>. Acesso em 10 jul. 2023.

O terceiro projeto se chama “Ecologia da desinformação” e se estrutura em torno da busca pela construção de bases para a neutralização da desinformação através da inoculação preventiva de mensagens. Ele parte da constatação de que a desinformação veiculada a partir de informações falsas vem existindo, como um recurso estratégico nas disputas entre indivíduos e grupos, ao longo de toda a história humana. Seja ela passada à frente inadvertidamente (desinformação não intencional) ou propositalmente – como forma de reescrever fatos, obter lucro, manipular pessoas, ou reinterpretar a história – esse tipo de ocorrência tem sido um fenômeno desafiador pela complexidade de fatores que se associam à sua materialidade, tornando-o um objeto de estudo de diversas disciplinas e distanciando-o da cobertura por somente uma delas. Abordar a informação e, conseqüentemente, a desinformação (que é a sua contraparte), como objetos por excelência interdisciplinares, exige uma abordagem transdisciplinar. Esse projeto foi pensado para ser desenvolvido em três fases e encontra-se, atualmente, na segunda.

A etapa inicial, voltada para a construção das bases conceituais que guiarão as etapas posteriores, considera: (1) a informação como um fenômeno bio-psico-histórico-social (PAULA, 2021) e busca estabelecer uma leitura multicausal do fenômeno; (2) que a desinformação poderia ser mais bem compreendida através de uma perspectiva aristotélica (HOGAN, 2015) que buscase identificar as suas causas materiais (sua base concreta), formais (a forma como ela se estrutura), eficientes (a agência que a produz) e finais (os seus motivos últimos); (3) que a “informação não é um elemento observável puro, mas um construto teórico” (CAPURRO; HJORLAND, 2017, p. 164) e que esse construto é fruto de atos cognitivos complexos (PAULA, 2021); (4) que há uma origem material para ela, a protoinformação (DODIG-CRNKOVIC, 2014) – que pode ser descrita tanto como a informação estabelecida sobre um suporte, como, em última instância, potencialmente todo o cosmo, se parcialmente apreendido pelos sentidos e, depois, percebido e elaborado através dos atos cognitivos; conseqüentemente, (5) que os sujeitos informacionais não são agentes passivos, mas interagentes constantemente envolvidos num processo de intercâmbio multicausal que se sustenta na noção de que a informação se origina da apreensão cognitiva (um construto mental produzido pela reunião de percepções e representações) que eles fazem das protoinformações; (6) que esses sujeitos podem ser entendidos como agentes replicadores de ideias/informações passíveis de se reproduzirem e se modificam através de seleção, associação e acumulação de pequenas variações nas

mensagens orientadas por um modelo evolutivo darwiniano quando das interações com novos “hospedeiros”; e (7) que, no aspecto comunicacional, essas variações intercambiam, não somente informações, mas também alterações nas significações que disputam espaço nas mentalidades dos sujeitos.

A segunda etapa (atual) investiga postagens de dois grupos politicamente divergentes no Twitter no período entre a reeleição e o *impeachment* de Dilma Rouseff (CÂNDIDO; PAULA; DIAS, 2022) e a evolução e a alteração nas descrições textuais dela nesse intervalo. O esforço atual é buscar as representações originais e o histórico de alterações (linhagens e sublinhagens) que criaram as descrições finais no dia do *impeachment* para desenvolver metodologias que descrevam o processo evolutivo em redes sociais de forma confiável para, compreendendo como algumas variações desses conteúdos viralizaram, utilizá-las no combate à desinformação. Desenvolvem-se e avaliam-se medidas de dissimilaridade dessas modificações e estratégias de reconstrução das linhagens para, na etapa seguinte, abordar os conteúdos desinformativos como parasitas informacionais da mente (BOUDRY; HOFHUIS, 2017) que, através de um mecanismo “chave-fechadura” de infecção, análogo ao viral, penetram e se incorporam às mentalidades dos hospedeiros.

A terceira etapa (seguinte) sugerirá estratégias de comunicação, baseadas nas formas de distorção de conteúdos, para propor mensagens de inoculação preventiva (COOCK; ECKER, 2017): “vacinas informacionais” criadas a partir da identificação do núcleo atrativo das representações dos complexos desinformativos – a partir da Teoria do Núcleo Central das Representações Sociais. A partir da identificação das inter-relações históricas (linhagens/sublinhagens) em sequências ancestral-descendente, propõe-se identificar as mais familiares aos hospedeiros e que, devido à similaridade entre os conteúdos desinformativos e os factuais já presentes no ambiente cognitivo deles, permitam detectar os mais facilmente assimiláveis e utilizá-los para conceber estratégias de bloqueio (análogas a firewalls ou vacinas) testáveis em projetos de divulgação científica / extensão universitária em escolas, centros comunitários e igrejas.

O quarto projeto se chama “Práticas informacionais num cenário de infodemia”. Seu objetivo é partir, justamente, das práticas concretas das pessoas, no cotidiano, em relação à informação (participando de redes sociais, curtindo, comentando, disseminando, se apropriando de conteúdos, consumindo conteúdos de mídias tradicionais, entre outros) para entender como se estruturam os fenômenos da desinformação. Busca-se, assim, entender

os critérios utilizados pelas pessoas para conferir o status de verdade a determinados conteúdos, ou a conferir credibilidade a determinados canais ou sujeitos enunciadores de discursos, numa perspectiva etnográfica. A noção de práticas informacionais busca pesquisar exatamente a maneira como a relação dos indivíduos com a informação é construída de maneira dialética: são os sujeitos que constroem os significados dos produtos informacionais e da cultura e, ao mesmo tempo, é a cultura que constitui os sujeitos (SAVOLAINEN, 1995).

No momento, estão sendo desenvolvidas três dissertações de mestrado e uma tese de doutorado com distintos grupos e canais de informação. Em 2022 foi concluída uma pesquisa com financiamento da Fapemig (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais), sobre a desinformação sobre as urnas eletrônicas e, no começo de 2023, foi defendida uma dissertação de mestrado sobre a interação de grupos antivacina no aplicativo Telegram. Em comum, tais pesquisas buscaram ver como os critérios para avaliação das fontes de informação, bem como a atribuição de veracidade, são social e dinamicamente construídos, e como dinâmicas recentes, relacionadas com a maior tensionalidade no ambiente político do país, a propagação de ações de ódio, e a lógica de como ocorrem os debates nas redes sociais, atuam nesses fenômenos. Esse projeto também se desenvolveu no âmbito do ensino: em 2022 foi oferecida uma disciplina no PPGCI/UFMG chamada Information literacy and disinformation, em parceria com a professora Denise Agosto, da Drexel University, Estados Unidos; e duas disciplinas para o curso de graduação em biblioteconomia: “Infodemia e usos políticos da desinformação” (em 2022) e “Aspectos políticos da desinformação” (em 2023), estando prevista, para o segundo semestre de 2023, a disciplina “Práticas informacionais da desinformação”.

De uma forma geral, os primeiros resultados apontaram para a necessidade de se identificar os diferentes tipos de conteúdos desinformativos e promover a sua categorização, na medida em que eles desempenham diferentes papéis nas dinâmicas desinformativas desde a perspectiva dos sujeitos. Usando como ponto de partida a discussão de Giddens (1991) sobre os sistemas peritos e seu papel na estruturação do processo da modernidade, foram identificados alguns sistemas peritos diretamente relacionados com a produção de conhecimento nas sociedades contemporâneas – as chamadas autoridades epistêmicas, tais como a ciência, as universidades, os institutos de pesquisa, as escolas, a mídia, entre outros. A partir disso, foram identificados dois grandes conjuntos de tipos de conteúdos desinformativos. De um lado, aqueles que reconhecem a legitimidade das instituições de

produção de conhecimento e utilizam essa legitimidade para produzir conteúdo fraudulento, com o objetivo de enganar as pessoas. Estão nessa categoria as *fake news* e a *fake science*, isto é, conteúdos que fingem serem jornalísticos ou científicos (usando linguagem, visual, recursos argumentativos semelhantes aos jornalísticos ou científicos) para criar nos públicos a impressão de verdade. De outro lado, estão aqueles conteúdos que atacam a legitimidade das autoridades epistêmicas, que se constroem na negação de sua validade enquanto forma de conhecimento. Estão nessa categoria os testemunhais falsos, as teorias conspiratórias, os diversos negacionismos e os discursos de ódio. É possível identificar, ainda, uma complementaridade entre esses dois conjuntos de modos discursivos desinformativos.

Essas diferentes manifestações das dinâmicas desinformativas atuam, ainda, em um cenário (McINTYRE, 2018; WILBER, 2018) no qual atuam fatores como o “efeito bolha” (uma consequência da lógica de funcionamento dos algoritmos dos motores de busca e redes sociais que faz com que as pessoas sempre tenham contato com fontes de informação com as mesmas visões de mundo e posições políticas), os vieses cognitivos (como a dissonância cognitiva e o viés de confirmação, que fazem as pessoas descartarem informações que vão contra suas visões de mundo e adotem fontes de informação que reforcem seus preconceitos) e a cultura da pós-verdade (um certo desdém e desinteresse pela verdade num cenário de extremismo político que desvaloriza o diálogo e a busca de consensos).

Por fim, o quinto projeto se chama “Educação em informação e competência em informação: caminhos para combate à desinformação”. Sua origem está ligada à ideia de que, atualmente, vivemos em uma sociedade que todas as pessoas têm a possibilidade de agir muito efetivamente com relação a informação. Todos, tem a mão dispositivos móveis, com acesso a rede e diferentes mídias que permitem consumir, criar e compartilhar informações para quem está do seu lado e para o mundo todo. Antes, com dispositivos e mídias mais restritas, tínhamos um cenário com pessoas de postura mais passivas, receptoras e não como agentes e interagentes como vemos hoje.

Esse cenário atual, traz suas vantagens, como a informação rápida e em quantidade para a tomada de decisão, dentro das diferentes necessidades dos sujeitos, mas também de desvantagens, pela mesma celeridade, quantidade e dificuldades para avaliação da qualidade e veracidade, por exemplo.

Resolver questões como estas exige que as pessoas desenvolvam características que as façam compreender melhor este cenário de acesso à rede, diferentes mídias e de relativa

muita informação à mão. Na Ciência da Informação, chamamos estas características de competências em informação, ou seja, saber lidar com a informação dentro dos seus diferentes contextos, mídias, suportes, necessidades.

Normalmente, adotamos o termo no singular, Competência em Informação, por entender que se trata de uma metacompetência, ou seja, é uma competência que se desenvolve em conjunto com outras, que todas as pessoas têm, e que está em constante desenvolvimento ao longo da vida. Neste sentido, podemos apresentá-la como resultado de um processo de educação em informação, ou seja: a pessoa que aprender a lidar corretamente com a informação, desenvolve a competência em informação e, teoricamente, vai sempre melhorando a sua forma de como lidar com a informação disponível em diferentes mídias e formatos, de maneira ética, responsável e crítica, além de usá-la para o combate de problemas informacionais, como a desinformação.

Neste sentido, Alves (2023) tem se dedicado a ampliar o conceito de competência em informação e observa que ela pode ser entendida como:

[...]resultado da educação em informação, que se fundamenta em um processo de ensino aprendizagem, na perspectiva de ensinar a utilizar e compreender a informação, ou seja, a entender a sua própria necessidade, localizar e selecionar corretamente, avaliar criticamente, recuperar, organizar, produzir e compartilhar com efetividade, gerando novos conhecimentos e novas necessidades informacionais. O processo de desenvolvimento da Competência em Informação envolve outras competências, em especial as digitais e as comunicacionais, mas muitas outras podem estar associadas, fazendo que sob a alcunha de Competência em Informação se apresente uma metacompetência, pois depende e está intrinsecamente relacionada a estas outras diferentes competências. Como um processo que impacta no indivíduo e no todo a sua volta, também está ligada a justiça social, a equidade em informação e aos direitos humanos, com foco no desenvolvimento do pensamento crítico, no aprendizado ao longo da vida, na independência, no papel cidadão e na emancipação social a partir do uso ético e responsável da informação. Para tanto, baseia-se em estudos e ações de questões teórico-práticas, voltadas a aplicação de um processo de ensino-aprendizagem que foca no sujeito ou em determinados coletivos, assentado em suas realidades, conhecimentos e representatividades; com o objetivo de mobilizar conhecimentos (saber), habilidades (técnica/fazer), atitudes (querer fazer), valores, crenças, interesses (intenção) e comportamentos (informáticos, comunicativos e informativos) para lidar, de forma adequada e eficiente, com a informação, em diferentes contextos e formatos, sabendo reconhecer questões éticas, legais, políticas, econômicas e sociais, bem como aquelas conectadas ao combate de questões contemporâneas, como a desinformação e as diferentes formas de epistemicídio. Neste sentido, também podemos evocá-la como um ativo que colabora na promoção do desenvolvimento

humano, contribuindo para que as pessoas tenham capacidades e oportunidades de serem o que desejam ser e utilizem a informação como um fator diferencial para sua emancipação social e no enfrentamento as desigualdades.

Voltando-se para o combate à desinformação, pessoas que buscam a educação em informação e o desenvolvimento da competência em informação, terão mais autonomia para saber avaliar a informação e os recursos que a cercam buscando a veracidade dos dados e fatos, além de poder tomar decisões mais balizadas em evidências e não em questões simples e sem embasamento forte. Agosto (2018), observa que este papel, de trabalhar com a educação em informação, é uma das atribuições de profissionais da informação, como bibliotecários com o objetivo de ensinar uma verificação/análise crítica da informação, olhar ético e pensamento crítico, mas podemos atribuir isso a equipes interdisciplinares e a diferentes ambientes, desde os educacionais, até os profissionais.

Muitos autores observam o desenvolvimento desta metacompetência um diferencial e um caminho no contexto de combate à desinformação (AGOSTO, 2018; ZATTAR, 2020; MATA; GRIGOLETO; LOUSADA, 2020; BORGES; BRANDÃO; BARROS, 2022; SCHNEIDER, 2022). Compartilhamos deste ponto de vista e dentro de nossa proposta, buscamos entender como educação em informação e a competência em informação vem sendo adotadas para o combate à desinformação.

A proposta do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Recursos, Serviços e Práxis Informacionais (NERSI), junto ao projeto Dinâmicas da desinformação é identificar programas e propostas de educação em informação e o desenvolvimento da competência em informação, no âmbito nacional, para entendermos as iniciativas, processos de ensino-aprendizagem, propostas e políticas, bem como resultados alcançados e formas de avaliação. O grupo observa que na trilha pela educação em informação e competência em informação, como caminhos no combate à desinformação, devemos ter várias paradas. As discussões teóricas nos levam a entender a competência em informação como metacompetência e sua relação com outras competências, como a competência midiática e comunicacional; passamos, também, pelas discussões sobre nomenclaturas mais adequadas em vista a interdisciplinaridade da discussão e a popularização científica da proposta; como pensar políticas públicas neste contexto, entre outras.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cinco projetos possuem uma complementaridade, na medida em que apontam para diferentes aspectos que atuam na conformação dos fenômenos da desinformação. Assim, o primeiro projeto aponta para a importância da análise de atributos das próprias fontes de informação, de suas características e dos critérios que conferem a elas a credibilidade. O segundo projeto demonstra como os processos se passam nas esferas institucional (resultado do funcionamento das instituições) e estrutural (na medida em que as empresas que atuam no campo informacional são a materialização de uma realidade social). O terceiro projeto aponta para o campo do imaginário e de como há disposições coletivas para a atribuição dos significados dos produtos informacionais. O quarto projeto se volta para as dinâmicas cotidianas dos sujeitos comuns, por meio das quais o fenômeno se enraíza no terreno da experiência. E o quinto projeto tem relação com as competências e preparo dos sujeitos para lidar com a informação e como seus posicionamentos se relacionam com a justiça epistêmica. Os projetos transitam, pois, entre as dimensões funcionais e conflituais do fenômeno da desinformação, bem como de suas dimensões macro e microssociais, isto é, estruturais e socialmente construídas – exatamente como se dão as dimensões no campo das ciências sociais de uma forma geral, nas quais existe o debate entre as perspectivas da ordem e do conflito e, também, das perspectivas da estrutura e do ator (LALLEMENT, 2004; GIDDENS, 2018; IZZO, 2021). O diálogo entre os cinco projetos mostra como existe uma relação de interdependência entre cada uma dessas dimensões, e como qualquer compreensão mais consistente sobre os fenômenos da desinformação precisam contemplá-las e as correlacionar.

Para além do desenvolvimento de cada um dos projetos, está prevista assim a construção de espaços de diálogo e confronto dos resultados de cada um deles, em eventos internos de pesquisa e também no desenho de atividades comuns, como o oferecimento de disciplinas nos cursos de graduação e pós-graduação da Escola de Ciência da Informação e, também, na proposição de atividades de extensão, por meio de oficinas e palestras para públicos externos à universidade. Além disso, há o interesse em aprofundar as relações com outros grupos da UFMG que estão estudando desinformação, tanto no âmbito da UFMG – dentro do Programa UFMG de Formação Cidadã em Defesa da Democracia – como nacionalmente, no âmbito da Recides, além de outras possibilidades que possam surgir durante o desenvolvimento dos trabalhos.

REFERÊNCIAS

AGOSTO, D. **Information literacy and libraries in the age of fake news**. Exeter: Libraries Unlimited, 2018.

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro, 2021.

ALVES, A. P. M. **Competência em Informação**. Belo Horizonte: UFMG, 2023. Material da disciplina Tópicos Especiais em Ciência da Informação IV: Estudos Avançados em Competência em informação, ministrada no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG em 2023.

BORGES, J.; BRANDÃO, G.; BARROS, S. S. (org.). **Educação para informação: como promover competências infocomunicacionais**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

BOUDRY, M.; HOFHUIS, S. Parasites of the mind. Why cultural theorists need the meme's eye view. **Cognitive Systems Research**, v. 52, p. 155-167, 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1389041718300494>. Acesso em: 8 jul. 2023.

CÂNDIDO, D. S. G.; PAULA, C. P. A.; DIAS, T. M. R. Contribuições metodológicas para a incorporação da perspectiva memética ao repertório da Ciência da Informação. **Liinc em Revista**, v. 18, n. 2, p. e6059, 2022. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/6059> . Acesso em: 8 jul. 2023.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em ciência da informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/j7936SHkZJkpHGH5ZNYQXnC/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 8 jul. 2023.

COOCK J.; LEWANDOWSKY, S. E. UKH Neutralizing misinformation through inoculation: Exposing misleading argumentation techniques reduces their influence. **PLoS ONE**, v. 12, n.5, p. e0175799, 2017. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0175799>. Acesso em: 8 jul. 2023.

DODIG-CRNKOVIC, Gordana. Info-computational constructivism and cognition. **Constructivist Foundations**, v. 9, n. 2, p. 223-231, 2014. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.696.9252&rep=rep1&type=pdf> . Acesso em: 8 jul. 2023.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GIDDENS, A. **Problemas centrais em teoria social: ação, estrutura e contradição na análise sociológica**. Petrópolis: Vozes, 2018.

HOGAN, J. A. A framework for the study of behavior. **Behav. Proc.**, 117, p. 105-113, 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0376635714001235?via%3Dihub> . Acesso em: 8 jul. 2023.

IZZO, A. **História do pensamento sociológico**. Petrópolis: Vozes, 2021.

LALLEMENT, M. **História das ideias sociológicas**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MATA, M. L.; GRIGOLETO, M. C.; LOUSADA, M. Dimensões da competência em informação: reflexões frente aos movimentos de infodemia e desinformação na pandemia da COVID-19. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, e5340, 2020. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5340/5116>. Acesso em: 8 jul. 2023.

McINTYRE, L. **Posverdad**. Madrid: Cátedra, 2018.

PAULA, C. P. A. Uma epistemologia genética dos ecossistemas de desinformação? Problema interdisciplinar / resposta transdisciplinar. **Palabra Clave** (La Plata), v. 10, n. 2, p. e122, 2021. Disponível em: <https://www.palabraclave.fahce.unlp.edu.ar/article/view/PCe122>. Acesso em: 8 jul. 2023.

SAVOLAINEN, R. **Everyday life information seeking**: approaching information seeing in the context of way of life. *Library and Information Science Research*, n. 17, p. 259-294, 1995.

SCHNEIDER, M. **A Era da Desinformação**: pós-verdade, fake news e outras armadilhas. Rio de Janeiro: Garamond, 2022.

WARDLE, C., DERAKHSHAN, H. **Information disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Strasbourg: Council of Europe, 2017.

WILBER, K. **Trump y la posverdad**. Barcelona: Kairós, 2018.

ZATTAR, M. Competência em informação e desinfodemia no contexto da pandemia de Covid-19. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 2020. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5391>. Acesso em: 8 jul. 2023.